



VIA ATLÂNTICA

PUBLICAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA Nº 19/2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: João Grandino Rodas
Vice-Reitor: Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretora: Sandra Margarida Nitrini
Vice-Diretor: Modesto Florenzano

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
Chefe do Departamento: João Roberto Gomes de Faria
Vice-Chefe do Departamento: Ieda Maria Alves

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: José Nicolau Gregorin Filho
Vice-Coordenador: Helder Garmes

Via Atlântica/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 19 (2011) -.- São Paulo : Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, 2011.



ISSN 1516-5159

1. Língua Portuguesa 2. Literaturas de expressão portuguesa 3. Literatura comparada I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos.

CDD-469
869



VI ATLÂNTICA



Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

n. 19 São Paulo 2011

ORGANIZADORES DESTE NÚMERO

Helder Garmes

Adma Muhana

COMISSÃO EDITORIAL

Helder Garmes (Universidade de São Paulo)

Maurício Salles Vasconcelos (Universidade de São Paulo)

Rita Chaves (Universidade de São Paulo)

Salete Cara (Universidade de São Paulo)

COMISSÃO CONSULTIVA

Ana Pizarro (Universidade do Chile)

Angela Balça (Universidade de Évora)

Benjamin Abdala Júnior (Universidade de São Paulo)

Carmen Lúcia Tindó Secco (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Elza Miné (Universidade de São Paulo)

Eneida Leal Cunha (Universidade Federal da Bahia)

Francisco Noa (Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique)

João Luis Ceccantini (Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Assis)

Laura Padilha (Universidade Federal Fluminense)

Maria Lúcia dal Farra (Universidade Federal de Sergipe)

Maria Luiza Scher Pereira (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Maria Zilda Cunha (Universidade de São Paulo)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa – Portugal)

Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC-MINAS)

Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Rejane Vecchia Rocha e Silva (Universidade de São Paulo)

Rita Godet (Universidade de Rennes – França)

Roberto Vecchi (Universidade de Bologna – Itália)

Sérgio Medeiros (Universidade Federal de Santa Catarina)

Walnice Nogueira Galvão (Universidade de São Paulo)

Revisão de Textos

Assessoria

Editoração Eletrônica

Capa e Projeto Gráfico

Impressão e Acabamento

Berenice Baeder

Creusa Ribeiro de Lima

Marildes Moreira da Silva

RW3 Design

Moema Cavalcanti

Linear B

Endereço para correspondência:

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – sala 101 – CEP 05508-900 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3091-3751 | e-mail: viatlan@usp.br | celp@usp.br

Via Atlântica, n. 19, 2011

Esta publicação conta com auxílio financeiro da CAPES

Sumário

Editorial7

DOSSIÊ: GOA – LITERATURA E CULTURA

O(s) contexto(s) indiano(s) da latinidade em Goa15

Dilip Loundo

Goa: uma identidade diferente da indiana justificaria
a condição colonial?31

Eduardo de Almeida Navarro

Goa na literatura indo-portuguesa.45

Everton V. Machado

Nômade de olhar atento e traço certo: Mário de Miranda, a arte da caricatura
e os desencontros entre o mundo indiano e o olhar ocidental57

Joana Passos

Direito, literatura e prática judicial na Goa de outrora: o caso dos
advogados provisionários75

Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira

As *Malícias orientais* de José da Silva Coelho: entre o
discurso e o desejo coloniais87

Paul Melo e Castro

Biblioteca Pública de Nova Goa: alguns aspectos da sua
agenda intelectual.103

Sandra Ataíde Lobo

A recusa do esquecimento em *A casa-comboio*121

Sheila Khan

OUTROS TEXTOS

- Representações do mouro em Portugal: ficções, lendas e história 135
Carla Carvalho Alves
- Monumentalidade e hibridismo indo-português: discursos visuais talhados
em pedra, madeira e marfim 149
Cibele E. V. Aldrovandi
- Lídia Jorge e o romance português da segunda metade do século XX . . . 165
Débora Leite David

MALÍCIAS ORIENTAIS, DE JOSÉ DA SILVA COELHO

Sofia Martinho, Paul Melo e Castro e Augusto Pinto

- Malícias Orientais* (Pequenas Histórias Garotas, Alegres e Tristes de
Costumes das Novas Conquistas) – *Índia Portuguesa*, 1923. 179
José da Silva Coelho

RESENHAS

- Os historiadores*, de Veronique Sales 197
Giuliano Lellis Ito Santos
- O soldado prático*, de Diogo do Couto 201
Marcia Arruda Franco

Editorial

Em uma noite quente de janeiro, o rio Mandovi corre mansamente, enquanto turistas indianos, ocidentais e orientais contemplam suas águas. As mesas dos restaurantes à margem do rio estão repletas. Todos acompanham o lento movimento do *ferry-boat*, que faz a travessia de Panjim para Bardez. De repente, os olhares se voltam para o grande barco-cassino que passa com luzes e música alta. O movimento de imensos barcos carregados de minério é constante. Pequenos barcos, muitos simples, também navegam constantemente. Sobre as águas do Mandovi navega um mundo complexo.

O que esses turistas vêm fazer em Goa? - pergunta-se o antropólogo Robert Newman. Alguns vêm buscar um espaço ocidentalizado, tomado como um enclave da Europa ou da América no Norte na Índia. São, sobretudo, indianos que querem conhecer o Ocidente e se sentir um pouco mais livres dos seus modelos culturais. Outros vêm atrás do sol, do turismo barato, de transe místicos, das drogas, do *Goa trance*. Esses são geralmente europeus, que também procuram fugir dos paradigmas de sua cultura.

Da perspectiva do turismo, Goa é um espaço que abriga a todos com a promessa de ser livre e segura, tanto para indianos que têm curiosidade pelo Ocidente, quanto para os ocidentais e orientais, que têm curiosidade pela Índia.

Essa Goa contemporânea tem uma história milenar, que mesclou referências culturais bastante distintas. A última delas, a colonização portuguesa, é responsável por alguns dos traços de ocidentalização, sobretudo por causa da difusão do cristianismo dentro de suas fronteiras.

O presente número da *Via Atlântica* não tem a pretensão de fazer uma ampla abordagem da literatura e da cultura de Goa; objetiva apenas a literatura e a cultura de língua portuguesa ali gestadas. Trata-se de uma parte pequena do complexo mundo goês. De todo modo, lembrando João Cabral de Melo Neto, “é a parte que nos cabe deste latifúndio”.

Uma das diretrizes adotadas para a elaboração deste volume foi privilegiar a interdisciplinaridade, com reflexões sobre a literatura e a cultura goesas fundadas em perspectivas muito diversas: na questão identitária, na política, na sociologia, na história do direito, empregando diversos suportes, tais como o texto, a caricatura, o monumento.

Grosso modo, este número da *Via Atlântica*, apresenta em seu dossiê diversas abordagens que visam a propiciar um melhor entendimento da complexidade do universo goês oriundo da colonização portuguesa. Traz ainda inéditos do contista goês José da Silva Coelho, sendo que a literatura e cultura portuguesas também são contempladas, abordando questões relativas ao caráter da arte colonial, à representação do mouro na literatura e às características da produção portuguesa da segunda metade do século XX. Finalmente, duas resenhas, uma sobre a segunda versão de *O soldado prático* e outra sobre a escrita da história, fecham o presente número. Os artigos, organizados por seções, foram dispostos pela ordem alfabética do primeiro nome do autor.

No que concerne à discussão identitária, temos o texto do goês Dilip Loundo, que, em “O contexto(s) indiano(s) da latinidade em Goa”, trata da especificidade da identidade goesa em relação ao restante da Índia no período pós-colonial. Para Loundo, a colonização inglesa na Índia resultou na incorporação pela cultura indiana de atributos suplementares daquela cultura ocidental, sendo retida a identidade original indiana. No caso de Goa, isso também se deu, mas de forma mais amena, já que a política segregacionista portuguesa não permitiu, por exemplo, que a língua portuguesa fosse largamente assimilada pelos goeses. Entretanto, isso não impediu que deixasse fortes marcas na comunidade cristã goesa, correspondente a um quarto da população da Goa, que hoje é um Estado indiano. Comparando ainda a presença da latinidade em Goa e no Brasil, Loundo lembra o quanto sua inserção foi distinta em ambos os casos, observando que uma parcela da identidade brasileira provavelmente teve algum vínculo com essa difícil relação de Portugal com o sudeste da Índia.

Outro texto que trata da identidade goesa é o de Eduardo de Almeida Navarro, intitulado “Goa: uma identidade indiana justificaria a condição colonial?” Navarro aborda a luta pela libertação de Goa do jugo português e o período pós-libertação, focalizando as consequências deletérias que a transformação de Goa em um Estado indiano teve para a permanência e uso da

língua portuguesa naquela localidade. Especula sobre a identidade portuguesa de Goa, ressaltando sua fragilidade. Pergunta-se sobre a falta de uma demanda, por parte dos goeses, pela total independência política, quer em relação a Portugal, quer em relação à Índia. Finalmente, questiona o destino da língua portuguesa em Goa na atualidade.

Dentro desse espectro amplo da cultura goesa, o texto de Joana Passos, “Nômade de olhar atento e traço certo: Mário de Miranda, a arte da caricatura e os desencontros entre o mundo indiano e o olhar ocidental”, faz um largo percurso sobre a história da caricatura na Europa e aí insere o trabalho do goês Mário de Miranda, demonstrando que sua originalidade está em tratar a caricatura de uma perspectiva que poderíamos designar culturalista, isto é, confrontando as mundividências e costumes indianos e europeus. Recorrendo ao arcabouço teórico dos críticos que refletiram sobre o chamado período pós-colonial, demonstra que Mário de Miranda apresenta uma leitura a um só tempo crítica e cordata dos conflitos implicados na relação entre Ásia e Europa.

No que concerne propriamente à literatura, Everton V. Machado oferece uma leitura instigante da história da literatura de língua portuguesa produzida em Goa. Em seu artigo “Goa na literatura indo-portuguesa”, traça um amplo panorama dessa produção literária nos séculos XIX e XX, de Francisco Luís Gomes a Leopoldo da Rocha, passando por diversos escritores. O texto discute o grau de complexidade que esse espaço literário comporta, caracterizado, sobretudo, como cristão e indo-português. Toma a noção de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson para refletir sobre a identidade que ali se delineia, chegando à conclusão que a lusitanidade e a indianidade goesas não teriam alcançado um equilíbrio adequado gerador de um sentimento nacional local, mantendo em aberto, portanto, ao menos no âmbito literário de língua portuguesa, as contradições do extinto espaço colonial.

Paul Melo e Castro nos presenteia com um trabalho sobre a obra *Malícias Orientais*, do contista goês José da Silva Coelho. Faz uma análise sensível e perspicaz das ambiguidades presentes nos sedutores contos do escritor. Pergunta-se pelo tipo de orientalismo que estaria ali presente, especulando sobre a peculiar condição de Silva Coelho: um goês das Novas Conquistas, de família hindu convertida ao cristianismo no século XVIII, que recebe educação nos moldes colonialistas, mas convive numa sociedade marcadamente indiana e hindu. É um texto que informa outro texto desta revista, a publicação inédita das refe-

ridas *Malícias orientais*, de Silva Coelho. Paul de Melo e Castro, juntamente com Sofia Martinho e Augusto Pinto, todos da Universidade de Leeds, transcrevem os manuscritos do livro *Malícias orientais* de Silva Coelho, com notas que não só auxiliam, mas são essenciais para a inteção adequada do texto.

De Sandra Ataíde Lobo, goesa que investiga a história intelectual da ex-colônia portuguesa, temos a satisfação de publicar o texto “Biblioteca pública de Nova Goa: alguns aspectos da sua agenda intelectual”. Tratando da histórica Biblioteca Central de Pangim, considerada a primeira biblioteca pública da Índia, procura demonstrar como as políticas públicas sobre a leitura puderam ser utilizadas pelos goeses, nos séculos XIX e XX, como uma estratégia de promover a consciência identitária local. Trata de dois grandes diretores daquela biblioteca: Ismael Gracias e Octaviano Guilherme Ferreira e agencia, com propriedade, uma gama de documentos muito importantes para o debate atual acerca da vida literária em língua portuguesa de Goa.

Sheila Khan trata do recente romance de Raquel Ochoa, *A casa-comboio*, que coloca em questão o deslocamento dos goeses após o fim do colonialismo português, perguntando-se em que grau eles podiam considerar a Índia ou Portugal a sua verdadeira pátria. Socióloga de formação, traz uma importante contribuição para a reflexão acerca de um dos temas recorrentes na cultura goesa no período pós-colonial. Focaliza a resistência ao apagamento das referências culturais goesas para aqueles que saíram de Goa, notando o valor da contribuição que estes têm na reflexão acerca da revisão da história colonial e da própria identidade goesa nos dias de hoje.

Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira apresenta-nos uma investigação bastante instigante. A partir do *Law and Literature Movement*, gestado na passagem do século XIX para o XX, e ainda hoje muito vivo, toma a literatura como objeto privilegiado para se pensar o exercício do Direito. Oliveira toma dois contos goeses – um de José da Silva Coelho e outro de Alberto de Meneses Rodrigues –, que lidam com situações jurídicas, e os analisa com o intuito de compreender o imaginário dos advogados provisionários de Goa, isto é, goeses que faziam precários cursos de especialização para exercer a advocacia, uma vez que era escassa a presença ali desses profissionais. Por sua extensão, publicamos a primeira parte do texto neste exemplar, sendo que a segunda e última parte será publicada no número 20, na sessão “Outros Ensaios.

O texto da arqueóloga Cibele E. V. Aldrovandi, “Monumentalidade e hibridismo indo-português: discursos visuais talhados em pedra, madeira e marfim”, revela-se uma contribuição bastante original para o debate acerca da identidade colonial portuguesa. Debruçando-se sobre a fortaleza de Chaul, sobre o escudo de São Tomé e analisando as representações do Bom Pastor, busca identificar traços de hibridismo nessas obras, destacando a valorização da monumentalidade, característica do imaginário português. Apesar de seu texto remontar às origens do território goês, sua reflexão se desdobra no tempo e se torna útil para refletir, por exemplo, sobre a obra do artista plástico goês Francis Newton Souza ou para analisar as manifestações religiosas populares de Goa na atualidade. É, portanto, uma grande contribuição para a reflexão sobre a identidade portuguesa e também sobre a identidade goesa dentro de um espectro temporal bastante amplo.

A figura do mouro na literatura portuguesa é trabalhada por Carla Carvalho Alves. Partindo da historiografia portuguesa e seguindo para a literatura – Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Julio Dinis, José Saramago, Mario de Carvalho –, o artigo demonstra como o mouro serviu para elaborar uma certa alteridade da identidade portuguesa que, em diversos momentos e de diversas formas, acabou por funcionar também como o espelho dessa mesma identidade, forjada mais no imaginário acerca dessa figura ambígua e plural do que em eventos históricos determinados.

Já Débora Leite David faz a leitura de *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge, a partir de sua inserção na produção literária portuguesa da segunda metade do século XIX, quando um número significativo de escritoras entra em cena. Tomando suas particularidades formais e o vínculo destas com a revisão da história e do imaginário português, o romance revela, segundo David, como Lídia Jorge e sua geração conseguiram rejeitar a herança salazarista e ressignificar a autoimagem portuguesa de forma crítica.

Entre as resenhas, Marcia Arruda Franco apresenta e comenta a edição de *O soldado prático*, de Diogo de Couto, editado pela Angelus-Novus, com fixação de texto e com estudo de Ana María García Martín. A particularidade dessa edição está no fato de trazer o segundo diálogo de *O soldado prático*, considerado obra da juventude do autor e, portanto, obra “menor”. No entanto, segundo Ana María García Martín, seria um texto escrito no decorrer de

grande parte da vida do escritor e de maior valor que o primeiro diálogo, por ter sido revisto pelo próprio autor.

Giuliano Lellis Ito Santos faz a resenha do livro de *Os historiadores*, coletânea de ensaios organizada por Veronique Salles e publicado pela UNESP em 2011. Trata-se de um conjunto de trabalhos dedicados a vida e obra de diversos historiadores dos séculos XIX e XX. Como observa Santos, é uma obra de recorte específico, didática, mas que muito pode auxiliar o pesquisador literário, tendo em vista a forma como facilita o entendimento dos debates críticos acerca da escrita do passado e de suas imbricadas relações com a ficção.

Que a leitura deste número da *Via Atlântica* seja como a travessia de barco pelo rio Mandovi: tranquila, agradável, mas sobretudo instigante, intrigante e repleta de beleza.

Hélder Garmes e Adma Muhana